

Teologia e Ética do Reconhecimento – a integridade do ser humano no contexto do pós-humanismo

*Luciano Gomes dos Santos**

Resumo

O objetivo da pesquisa é apresentar a relação entre teologia e ética do reconhecimento na integridade do ser humano no contexto do pós-humanismo. A metodologia aplicada foi a consulta bibliográfica. A primeira parte relacionou teologia e a condição humana no mundo. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. A dimensão do sagrado permeia sua condição humana. O ser humano não pode ser eliminado pelas suas fragilidades ou elevado à condição de máquina para acompanhar a odisséia da evolução tecnológica. O humano é carne, espírito, sentimento, afeto, racionalidade. A segunda fundamentou-se no pensamento de Axel Honneth na elaboração da ética do reconhecimento e suas contribuições para se pensar o ser humano no contexto do pós-humanismo. A terceira parte refere-se à práxis de Jesus e suas inspirações para viver o sentido humano. Jesus, o Verbo de Deus, assume a carne humana e toda a sua condição, exceto no pecado. A humanização se dá na historicidade de Jesus assumindo, em suas realções de amor e compaixão pelos pecadores, fragilizados e excluídos da sociedade. O estudo possibilitou compreender as contribuições da teologia e da ética do reconhecimento para viver-se na integridade humana, tendo por fundamento nossa origem sagrada e nosso compromisso com o ser humano integral.

Palavras-chave: Teologia. Ética do Reconhecimento. Pós-humanismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa articular Teologia e a Ética do Reconhecimento no contexto de pós-humanismo. Estamos vivendo o fim do ser humano? O pós-humanismo é realidade consequente dos avanços tecnológicos? O ser humano deve abandonar sua condição finita e fragilizada para acompanhar os progressos científicos? A condição humana é realidade criada por Deus que não foi determinada *a priori*. Somos artífices de nossa humanidade no mundo. Criados a imagem e semelhança de Deus, somos constituídos do livre-arbítrio. A nossa existência no mundo é tarefa a ser elaborada todos dias. A teologia é discurso de Deus sobre a nossa condição humana no mundo.

* Doutorando em Teologia na Área da Práxis Cristã na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista da CAPES. e-mail: luguago@ig.com.br

O saber teológico contribui com a reflexão humana sobre o sentido da vida neste mundo. Nascemos humanos e devemos nos projetar no mundo das relações humanas e construir nossa história pessoal e social. A teologia nos lança para algo mais profundo a respeito da condição humana. Somos constituídos por meio da moralidade. Há presente em nós a dimensão da eticidade que provoca em nós a tomada de consciência a respeito do valor sagrado da vida e a busca do bem viver e do coniver em comunidade. A teologia não condena a ciência. O saber científico é fruto da graça de Deus e da inteligência humana. No contexto do Renascimento, o ser humano descobre-se como criador e produtor de conhecimento. Surge a concepção de humanismo moderno.

No humanismo o homem é reconhecido em sua totalidade. A sua imagem torna-se o centro do universo. O ser humano está na história, é dotado de corpo e alma. Os adeptos do pós-humanismo afirmam que o ser humano, como existe hoje, estaria em estado de obsolescência para acompanhar a evolução tecnológica. O corpo do ser humano é um “hardware falho e ultrapassado, você pode fazer um download de sua mente num corpo que seja melhor” (SANTOS, 2005, p. 164). Alguns pós-humanistas destacam as transformações biotecnológicas ou biogenéticas. Para esse grupo não há eliminação da condição humana, mas transformação. Nesta perspectiva, “o pós-humanismo seria a possibilidade de se conceber a abertura de uma segunda linha de evolução do humano através de sua transformação” (SANTOS, 2005, p. 164).

Humanismo ou pós-humanismo? Encontramos na práxis de Jesus inspirações para viver o sentido humano. Jesus, o Verbo de Deus, assume a carne humana e toda a sua condição, exceto no pecado. A humanização se dá na historicidade de Jesus assumindo, em suas relações de amor e compaixão pelos pecadores, fragilizados e excluídos da sociedade. Jesus assumiu o rosto da humanidade. Veio salvar e não destruir. Encontramos em Jesus, o paradigma para refletir nossa condição humana. O humanismo de Jesus expressa o mais profundo de sua origem divina (cf. Lc 1,26-38) e, por isso, é Deus em nosso meio.

Para analisar o contexto do pós-humanismo basearemos no pensamento de Axel Honneth, percorrendo de seu pensamento a ética do reconhecimento no campo da ética cristã situada na práxis de Jesus. O reconhecimento passa por meio de três dimensões: amor, direito e solidariedade. Como reconhecer a dignidade do ser humano no contexto de pós-humanismo? Será que o ser humano perde sua dignidade por beneficiar-se da ciência ao colocar um coração artificial? Isso poderia ser chamado de pós-humanismo?

O estudo está dividido em três partes. A primeira analisará a relação entre teologia e condição humana no mundo; a segunda refletirá sobre a ética do reconhecimento e integridade humana inspirada no pensamento de Axel Honneth; por fim, a terceira parte analisará a práxis de Jesus e reconhecimento do ser humano no contexto pós-humanismo.

1. Teologia e a condição humana

A teologia é ciência da fé que colabora com o ser humano na interpretação da Palavra de Deus e da história da salvação. É discurso sobre a experiência de Deus a partir da condição humana no mundo. Podemos afirmar que a teologia como “linguagem interpretativa apóia-se nela para explicar as significações do mistério cristão em função do presente da Igreja e da sociedade” (GEFFRÉ, 1989, p. 80). A teologia deve ser analisada como “caminho sempre inacabado para uma verdade mais plena. A linguagem teológica é necessariamente interpretativa à medida que visa à realidade do mistério de Deus a partir de significantes inadequados” (GEFFRÉ, 1989, p. 80-81).

A teologia cristã se constitui a partir de três fontes: “a fé, a revelação e a Escritura” (HAIGHT, 2005, p.18). O ponto de partida é a objetividade histórica do evento fundador do cristianismo, isto é, a encarnação do Verbo de Deus (Cf. Jo 1,14). O objeto de estudo da teologia é o “mistério, o ato mesmo pelo qual Deus se deu a conhecer aos homens” (GEFFRÉ, 1989, p. 81). Deus revelou-se na história da humanidade. Acolheu a humanidade em toda sua condição humana. O ser humano nunca foi abandonado por Deus. A resposta de Deus está em sua liberdade de escolha e entrega ao mistério revelado em seu Filho Jesus.

A teologia não pode ser reduzida como prolongamento do magistério da Igreja, à tematização da experiência da fé no espaço da comunidade ou da Igreja local e adaptação da doutrina oficial da Igreja numa linguagem mais simplificada (GEFFRÉ, 1989, p. 90-91). A teologia cristã reflete de forma dinâmica e dialética a Revelação de Deus na história humana. Deus irrompe a história e eleva a natureza humana por meio Jesus. O discurso teológico atualiza a mensagem da Palavra de Deus em cada contexto histórico de geração em geração respondendo aos desafios do tempo atual.

O discurso teológico da criação revela Deus criando todas as coisas e, por fim o ser humano (Cf. Gn 1,27). Fomos criados a sua imagem e semelhança. A existência humana foi dotada de livre arbítrio. Fomos criados para a liberdade e ao mesmo tempo, chamados à

responsabilidade. Onde existe liberdade há possibilidade do mal. Somos seres de condição, chamados à vida e à comunhão com o criador. Para a teologia o ser humano tem sua gênese em Deus. O ser humano no mundo é peregrino. É ser da estrada. É estradeiro.

O homem é capaz de partir e de chegar. Mas, o que o define mesmo é a estrada. Mais do que ser de chegada e de partida. O homem é um ser de estrada. É um eterno caminhante. É peregrino obstinado. É um estradeiro infatigável. Não resiste ao apelo do horizonte misterioso que lhe pede novos passos [...] Caminhar é tornar-se mais consciente e mais livre. Caminhar é assumir a vida, e crescer historicamente. Caminhar é descobrir o outro e participar de sua angústia. Caminhar é promover a justiça e efetivar a libertação. Caminhar é visitar a solidão dos irmãos esquecidos. Caminhar é estender a mão ao próximo e construir um gesto de bondade. Caminhar é fazer germinar a humanização no terreno da história (ARDUINI, 1977, p.157).

Deus é estradeiro junto à humanidade (Sl 23,1-2). A reflexão teológica deve ser estradeira. Caminhar ao lado do ser humano com suas alegrias e dores. O compromisso da teologia é ajudar o ser humano em sua humanização, em sua evolução e comunhão com a alteridade, criação e o Criador. A teologia peregrina com o ser humano no ato da fé e da racionalidade crítica, frente a tudo que fere a dignidade humana e o projeto de Deus na humanidade.

A teologia ao pensar Deus pensa o ser humano. Nesta perspectiva, Gesché (2003) analisa o ser humano como um texto. O primeiro sentido é ser *manuscrito*, “porque ele já é em parte feito de uma escrita que o antecede e que deve aprender a ler para se decifrar” (GESCHÉ, 2003, p.06). O segundo sentido se refere ao *pergaminho*, “porque o próprio ser humano, ser felizmente inacabado, deve, pastor de seu ser, escrever numa página ainda em branco o texto do seu próprio destino” (GESCHÉ, 2003, p.06). Por fim, o último sentido é ser um *hieróglifo*, “porque ele também é escrito e deve também se escrever com letras sagradas. *Res sacra homo*” (GESCHÉ, 2003, p.06).

A teologia cristã revela que o ser humano é o manuscrito do Criador que deverá aprender a decifrar o sentido de sua existência. O ser humano é pergaminho indicando que a sua existência deverá ser escrita por meio de suas decisões e projetos existenciais. Como hieróglifo, o ser humano é sagrado e deve aprender a ler a sacralidade em sua vida. O ser humano é texto sagrado e a teologia contribui para esta leitura sagrada do ser humano.

É por isso que a teologia ousa e pode dar sua contribuição. Certamente seu discurso refere-se antes a Deus. Mas refere-se também ao ser humano, medida em que a teologia em grande parte pensa Deus para pensar o ser humano. Ela é uma espécie de antropologia, pois pensa o ser humano por meio dessa chave à qual dá o nome de Deus. E isso é particularmente verdade em ambiente cristão, no qual após a

Encarnação, se tornou impossível para a fé expressar-se a não ser vendo Deus e o ser humano intersignificando-se (GESCHÉ, 2003, p.06).

O ser humano e a teologia devem caminhar juntos. O ser humano não basta a si mesmo na compreensão de seu ser. A alteridade é referência na elaboração da identidade humana. Em Deus encontramos a origem do ser humano. Podemos afirmar que “o ser humano, ser moral, encontra-se em si mesmo alguma coisa do fundamento do seu ser, mas também encontra uma parte dele em Deus” (GESCHÉ, 2003, p.07). A questão do ser humano e de Deus são teológicas. A teologia é discurso “sobre o ser humano, sobre o ser humano-que-fala-de-Deus” (GESCHÉ, 2003, p.09). A teologia reflete o mistério e o enigma que constitui em si mesmo o ser humano no mundo.

A teologia cristã traz implícita uma ética do reconhecimento por meio de sua revelação à humanidade. Deus salva o ser humano e reconhece a integridade humana. O amor de Deus é incondicional ao ser humano. O discurso teológico fala de Deus a partir da experiência humana que busca compreender o sentido sagrado de sua existência na intersubjetividade humana. Nesta perspectiva, para fundamentar a ética do reconhecimento apresentaremos elementos da Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth da Escola de Frankfurt.

2. Ética do Reconhecimento e integridade humana

Axel Honneth é o principal representante da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Reconstrói a teoria do reconhecimento inspirado na teoria da intersubjetividade do jovem Hegel a partir da teoria do psicólogo americano George Herbert Mead. Para Honneth, as relações humanas devem ser vividas por meio da teoria do reconhecimento intersubjetivo. O reconhecimento implica reconhecer a dimensão moral de cada indivíduo. Defende a ideia de que “uma teoria crítica da sociedade deveria estar preocupada em interpretar a sociedade a partir de uma única categoria, isto é, do reconhecimento” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 10).

A Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth apresenta três formas de reconhecimento: relações primárias (amor, amizade), relações jurídicas (direitos) e comunidade de valores (solidariedade). O ser humano é reconhecido no amor, no direito e na solidariedade, enquanto dimensão de suas capacidades e propriedades na comunidade que se

encontra vivendo. O amor compreendido como afeto é a primeira relação de reconhecimento que se dá entre a mãe e o filho (a). A experiência afetiva proporcionará ao filho (a), a autoconfiança.

A segunda relação de reconhecimento é o direito. Duas perguntas guiam a esfera jurídica do reconhecimento: “(1) Qual é o tipo de auto-relação que caracteriza a forma de reconhecimento do direito? (2) Como é possível que uma pessoa desenvolva a consciência de ser sujeito de direito?” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 11). O direito implica que a pessoa deve ser reconhecida de forma igual perante a lei estabelecida. O ordenamento jurídico não pode permitir exceções e privilégios aos indivíduos em função de influência, *status* ou poder. Ser sujeito de direito é ser autônomo e capaz de decidir racionalmente sobre questões morais. O direito realizado garante o autorrespeito.

A terceira dimensão do reconhecimento é a comunidade de valores ou solidariedade. Nesta esfera do reconhecimento considera a individualidade do sujeito. Por isso, a terceira forma de reconhecimento deveria “ser vista, como um meio social a partir do qual as propriedades diferenciais dos seres humanos venham à tona de forma genérica, vinculativa e interpretativa” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 13). Esta terceira dimensão do reconhecimento é intrínseca à vida em comunidade. Nesta perspectiva, a capacidade e o desempenho de cada pessoa só poderiam ser avaliados intersubjetivamente, ou seja, cada indivíduo se reconhece no outros em suas propriedades e capacidades. Nesta dimensão constrói-se a autoestima.

Para as três formas de reconhecimento, Axel Honneth apresenta três formas de desrespeito. Quando o indivíduo ou grupos são desrespeitados em sua dignidade e direitos surgem a luta por reconhecimento. As formas de desrespeito são: maus-tratos e violação; privação de direitos e exclusão; e por fim, a degradação e ofensa. A primeira forma de desrespeito ameaça a integridade física do sujeito, a segunda a integridade social e a terceira a honra e a dignidade da pessoa. As formas de desrespeito são patologias (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 15). Axel Honneth defende que somente as experiências de injustiças que provocam fenômenos patológicos podem ser aceitos como fenômenos de desrespeito à dignidade humana.

Axel Honneth sustenta que “o indivíduo está sempre vinculado em uma complexa rede de relações intersubjetivas e que, conseqüentemente, ele é dependente estruturalmente do reconhecimento dos outros indivíduos” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 16). A

experiência do desrespeito levará o sujeito a lutar por reconhecimento, porém não basta apenas o sentimento da injustiça é necessário “a articulação política de um movimento social para que o sentimento de injustiça do indivíduo passe a ter relevância política” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 16).

Honneth afirma que por trás dos acontecimentos históricos, podemos encontrar o processo de desenvolvimento moral que se deixa efetivar na ampliação das relações de reconhecimento entre os indivíduos numa comunidade de valorativa. A luta por reconhecimento nesta perspectiva deve cumprir duas tarefas: “(1) ser um modelo de interpretação do surgimento das lutas sociais e (2) do processo de desenvolvimento moral” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 17). Nesta perspectiva, “os sentimentos morais assumem a função moral e histórica da sociedade” (SAAVEDRA; SOBOTTAKA, 2008, p. 17). O reconhecimento passa ser visto como ponto normativo e partir dele podemos avaliar o estágio do desenvolvimento moral da sociedade.

Podemos afirmar que

a teoria de Honneth é ao mesmo tempo explicativa, normativa e crítica. Explicativa, enquanto explica a evolução do Eu prático e a lógica moral dos processos sociais. Normativa, enquanto, ao mesmo tempo, apresenta um quadro normativo da vida boa que serve para valorar a obtenção da identidade moral e o caráter progressivo dos movimentos sociais. Crítica, enquanto tal explicação normativa fornece também um quadro teórico que explica como seja possível o surgimento de uma atividade de crítica do domínio sobre formas subsistentes de vida (TESTA, 2008, p.96-97).

Para Axel Honneth o quadro crítico-normativo não é dado pelas condições da linguagem, a experiência de injustiças não se explica quando o indivíduo é violado em regras linguísticas, mas ocorre quando a “violação de afirmações de identidade adquiridas mediante a socialização” (HONNETH *apud* TESTA, 2008, p.97). O indivíduo é desrespeitado em sua dignidade referida ao contexto social. A dimensão crítica surge dos sentimentos morais dos indivíduos quando eles são ofendidos nos contextos sociais. Em Axel Honneth, “a identidade dos indivíduos se determina em um processo intersubjetivo mediado pelo mecanismo do reconhecimento conflitante” (TESTA, 2008, p.98).

Para Axel Honneth, a constituição intersubjetividade humana ocorre por meio do reconhecimento conflitual. Ocorre processo o de aprendizagem entre o Eu prático de sua imagem normativa referente às expectativas de seus companheiros. O processo de se reconhecer e reconhecer o outro na comunidade ética na qual se vive se traduz como processo

de aprendizagem. Nesta perspectiva, afirma-se que “o eu, enquanto é reconhecido, aprende a reconhecer aspectos da sua irrepetível individualidade, e com isso é induzido a abandonar conflitualmente a eticidade dada por exigir um reconhecimento mais adequado da sua identidade” (TESTA, 2008, p.107).

O reconhecimento ético se dá no processo de reconhecer a si mesmo, reconhecendo o outro em sua condição humana. Nesta perspectiva, podemos afirmar que “a *regra de ouro* poderia assim ser entendida como a norma que cada um deveria seguir para que as bases sociais da interação permaneçam íntegras e seja possível a cada um realizar a sua individualidade” (TESTA, 2008, p.109). A individualidade se forma no reconhecimento recíproco, na emergência do sentimento moral. Os sentimentos morais são fatos naturais. A presença em nossa condição humana do sentimento moral “é o êxito de uma seleção evolutiva, que reforça um tipo de comportamento altruístico vantajoso do ponto de vista da espécie” (TESTA, 2008, p.117).

3. A práxis de Jesus e reconhecimento do ser humano no pós-humanismo

A práxis de Jesus é marcada pelo reconhecimento da condição humana. Jesus veio ao mundo para que todos tenham a vida e a tenham em plenitude (cf. Jo 10,10). A salvação de Deus entra na história de forma humana e foi tão humana que só poderia ser Deus. Jesus nasce de forma humana e vive a experiência da humanidade, exceto no pecado. Jesus reconhece em cada rosto humano a dignidade humana, a sacralidade da vida criada pelo Pai. Nesta perspectiva, a teoria do reconhecimento de Axel Honneth inspira a reflexão da ética cristã na práxis de Jesus, enquanto reconhecimento intersubjetivo. Como que a práxis de Jesus é agir do reconhecimento humano? Quais caminhos a práxis de Jesus nos inspira a viver no chamado pós-humanismo? Como reconhecer-se e reconhecer o outro no contexto do pós-humanismo? Por isso, o texto seguirá abordando elementos do chamado pós-humanismo e depois como a práxis de Jesus enquanto práxis do reconhecimento possibilita reconhecer a humanidade em cada ser humano.

3.1 Humano ou pós-humano?

O que é o ser humano? Ser que nasce determinado ou ser que possui a condição humana devendo ser elaborada todos os dias? Com base na tradição grega, o ser humano é

dotado de dois princípios: apolíneo e dionisíaco. Enquanto Apolo, somos *logos* e *práxis*. Como Dionísio, somos *desejo* e *paixão*. Com base na imagem grega antropológica somos mistura de Apolo e Dionísio, isto é, razão e emoções. Ser humano é experimentar a racionalidade e as emoções. É ter consciência de sua incompletude e a responsabilidade de fazer-se por meio de seu desenvolvimento biológico, cognitivo e afetivo.

A nossa condição humana é histórica e não biologicamente. Somos seres que se adaptam ao meio que estamos inseridos. Criamos a ciência para buscar respostas do universo que nos envolve e do universo de nosso próprio ser. É a partir deste contexto de identidade e existência que apresento diversas concepções sobre o chamado pós-humanismo. Francis Fukuyama (2002) defende que,

a biotecnologia humana promove o bem e o mal, ou seja, tanto fomenta o desenvolvimento da espécie, ao apresentar curas para certas doenças, como ameaça a sua dignidade, uma vez que procura eliminar o acaso da lotaria genética, substituindo-o pela escolha no momento da concepção in vitro, em que cabe aos pais decidir as características dos filhos (FUKUYAMA *apud* SEBASTIÃO, 2010, p. 60).

A questão da biotecnologia e seus impactos benéficos e maléficis ao ser humano levantam questões filosóficas, morais, religiosas e políticas. O ser humano é parte do processo evolutivo histórico, portanto não existindo características humanas fixas, exceto do livre arbítrio e as mudanças alteradas pelos nossos desejos. O problema não é a biotecnologia, mas a regulamentação do seu uso em detrimento do ser humano. Avanços são verificados na compreensão do cérebro, fontes biológicas do comportamento humano, clonagem, células estaminais, genética e prolongamento da existência, farmacologia e manipulação das emoções e do comportamento humano (FUKUYAMA *apud* SEBASTIÃO, 2010, p. 60).

Na pós-modernidade ou contemporaneidade o capitalismo se volta para o consumo do corpo, destacando a beleza e paradigma de estética. A publicidade vende a imagem do corpo ideal. Podemos dizer que há verdadeira ditadura da beleza para alcançar o corpo idealizado pela mídia. Por isso,

vive-se do e para o culto da imagem; a importância da aparência cria uma indústria dinâmica e inovadora, com propostas diferentes constantes, que visam a experimentação sensorial. Os indivíduos recorrem a cirurgias estéticas, a cosméticos, a ginásios, à ingestão de produtos específicos, a regimes alimentares, à moda e ao *design*, procurando incansavelmente o ideal de juventude eterna, ilusoriamente acessível a todos (SEBASTIÃO, 2010, p. 65).

Nesta perspectiva, o corpo é parte da cultura e da sociedade, “alvo de observações tecnológicas que visam a sua reprodução e recriação de forma artificial, dando largas ao poder criador do homem que se arvora em deus” (SEBASTIÃO, 2010, p. 65). O corpo também é fonte de prazer e da vivência da sensualidade para os indivíduos. Apresenta uma série de limites como as doenças e a própria morte. O corpo é nossa dimensão no mundo de relação e comunicação. É o “objeto que mais nos consome e inquieta” (SEBASTIÃO, 2010, p. 65).

Nesta perspectiva do corpo como presença do humano no mundo e no reconhecimento recíproco, como entender pós-humanismo e a relação entre o pós-humanismo e o humanismo? No debate encontramos dois grupos. O primeiro defende que o “humano seria superado porque, tal como existe hoje, ele estaria obsoleto [...] seu corpo é um hardware falho e ultrapassado, você pode fazer um download de sua mente num corpo que seja melhor” (SANTOS, 2005, p. 164). O segundo grupo acredita que “o pós-humano seria a possibilidade de se conceber a abertura de uma segunda linha de evolução do humano através da sua transformação genética” (SANTOS, 2005, p. 164). Essa perspectiva seria a transformação biotecnológica ou biogenética.

Vivemos hoje a “mediação de interfaces do ser humano com as máquinas, o mundo está se tornando uma gigantista rede de troca de informações” (SANTAELLA, 2007, p.128). Como separar o humano e as fronteiras da humanidade com as tecnologias? Testemunhamos que “nossos corpos são agora feitos de máquinas, imagens e informações. Os corpos vivos estão borrados, moldados e transformados pela tecnologia e a cultura está tomando conta da biosfera” (SANTAELLA, 2007, p.130). Nesta perspectiva, a introdução do conceito pós-humano tem por finalidade “caracterizar a mutação dos corpos como fruto das simbioses do ser humano com as próteses tecnológicas” (SANTAELLA, 2007, p.130). Podemos afirmar neste contexto de pós-humanismo que,

o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando obsoleto. Intimidados pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*. Um novo imperativo é internalizado, num jogo espiralado que mistura prazeres, saberes e poderes: o desejo de atingir a compatibilidade total com o tecnocosmos digitalizado. Para efetivar tal sonho é necessário recorrer à atualização tecnológica permanente: impõem-se, assim, os rituais do auto-*upgrade* cotidiano (SIBILIA *apud* SANTAELLA, 2007, p. 131).

Os corpos vivem as consequências das relações de poder e prazer, virtualidade, realidade e sexo. A condição da humanidade no chamado pós-humano compreende o corpo como “uma tecnologia, uma tela, uma imagem projetada; é um corpo sob o signo da Aids, um corpo contaminado, um corpo morto, um corpo-tecno” (SANTAELLA, 2007, p.132). De fato, vivemos uma grande transformação entre o humanismo e o chamado pós-humanismo. O homem surge na modernidade como antropocêntrico e agora estamos vivendo a questão do tecnocentrismo. A tecnologia moderna ocupou o centro da existência e subjuga o ser humano. Vivemos uma convergência entre corpos e tecnologias.

As tecnologias que configuram a condição pós-humana são “realidade virtual (RV), comunicação global, protética e nanotecnologia, redes neurais, algoritmos genéticos, manipulação genética e vida artificial” (SANTAELLA, 2007, p.133). Todas essas características representam a nova condição humana, a chamada era pós-humana. Na busca da evolução humana, “o pós-humano significaria a superação das fragilidades e vulnerabilidades de nossa condição humana, sobretudo do nosso destino para o envelhecimento e a morte” (SANTAELLA, 2007, p.133). O desejo da humanidade seria substituir a natureza biológica frágil por uma natureza artificial, superando todos os limites da condição orgânica.

Sabe-se que o ser humano é produtor de tecnologias para suprir suas necessidades e, portanto manter a sua sobrevivência. Não podemos iludir num pós-humanismo como superação de nossa condição humana. Nascemos, desenvolvemos e passaremos pela experiência da morte. As tecnologias atuais trazem inúmeros benefícios à humanidade superando doenças e fragilidades do corpo físico. Vivemos atualmente “o terceiro ciclo evolutivo do *sapiens sapiens*” (SANTAELLA, 2007, p.133). Devemos pensar num pós-humanismo com visão crítica. O próprio corpo humano é uma tecnologia. Afirmamos que “a primeira tecnologia simbólica está no nosso próprio corpo: a tecnologia da fala [...] a fala nos arranca do mundo natural e nos coloca, sem retorno possível, no artifício” (SANTAELLA, 2007, p.135 - 136).

Nós humanos falamos, cantamos, beijamos, choramos, rimos e rezamos. Todas essas funções são artificios da “maquinaria simbólica que está instalada em nosso próprio corpo” (SANTAELLA, 2007, p. 136). A fala é uma espécie de tecnologia. Acompanhando a história da espécie humana, sabemos que após a fala, “vieram as escritas e todas as máquinas para a produção técnica de imagens, sons, audiovisuais e, atualmente, da hipermídia junto com os avanços das simulações computacionais na realidade virtual, robótica e vida artificial”

(SANTAELLA, 2007, p. 136). Todas essas tecnologias são extensões do corpo e da mente humana. Assim, “as tecnologias simbólicas, ou tecnologias da inteligência, que hoje já começam a tomar conta também do nosso corpo, são extrassomatizações do cérebro humano” (SANTAELLA, 2007, p.135 - 136).

Vivemos a hibridização dos corpos e prolongamentos tecnológicos modernos desenvolvidos pelo ser humano na busca de superação de suas fragilidades. A questão não é a tecnologia. O desafio é a utilização dessas novas tecnologias em benefício da humanidade. Por isso, o tópico seguinte buscará luz na práxis de Jesus para iluminar nosso agir humano e cristão, inspirados na ética do reconhecimento no contexto pós-humanismo.

3.2 Ética do reconhecimento na práxis de Jesus e vivências no pós-humanismo

A vida de Jesus é experiência de reconhecimento pela humanidade. O Verbo de Deus assumiu a carne humana (cf. 1,14). É o encontro de Deus com a humanidade. Nesta perspectiva, “Cristo é a comunicação essencial da presença de Deus à humanidade. Quando o verbo se encarna, é a presença pessoal e tangível de Deus que irradia pelo universo inteiro. Cristo não é apenas Deus perto dos homens, nem somente Deus entre os homens” (ARDUINI, 2013, p.22). Em Cristo a humanidade é reconhecida e amada.

A vida de Jesus é a práxis do reconhecimento do ser humano. A condição humana não é desprezada por Deus. O projeto de Deus na história da humanidade é incluir todos no Reino por meio do agir de Jesus. Encontramos o compromisso radical de Jesus com os oprimidos e fragilizados:

- defensor da dignidade humana e da liberdade (Mc 1,39; Mt 8,16; Lc 7,22; At 10,38);
- sinal da compaixão e da misericórdia (Mt, 20,30; 8, 14-15; 25, 31-46; Lc 13,12; 17,13; Jo 11,35);
- promove a dignidade da mulher (Jo 4,27; Lc 7,36-50; Mc 5,25-34; Jo 8,1-11);
- dignifica o valor das crianças (Mt 19,13-15; Lc 18,15-17; Lc 9,48).

Jesus acolhe o ser humano em sua condição de pecador e revela sua misericórdia. É o amor incondicional de Deus junto à humanidade. Na práxis de Jesus encontramos três relações de reconhecimento apresentadas em Axel Honneth: *o amor, o direito e a solidariedade*. Jesus é o afeto de Deus pela humanidade. O amor é forma profunda do

engajamento de Jesus pela condição humana. Jesus traduz o seu amor por meio do serviço (cf. Jo 13, 1-16). “Amor que não ofende, não machuca, não existe compensação. Amor capaz de compreender e de perdoar” (ARDUINI, 2013, p.62).

A práxis de Jesus revela o direito de Deus à humanidade por meio das bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-10). Jesus é a justiça do Pai que se faz presente na humanidade para promover o ser humano e libertá-lo de toda prisão (cf. Lc 4, 18-19). O ser humano não deve ser escravo da lei, mas a lei deve estar a serviço da vida (Mc 2,27; 3,4). Jesus veio ao mundo para estabelecer a justiça de Deus. O direito deve proteger os indefesos e promover a vida.

Jesus é a solidariedade de Deus que assume a condição humana. Nasce numa comunidade de valores, é reconhecido e adquire habilidades que são reconhecidas pelos membros da comunidade (cf. Mc 6,3). Jesus reconhece que todo ser humano é dotado de habilidades que podem contribuir para o progresso de si mesmo e da comunidade (cf. Mt 25,14-30). A solidariedade de Jesus se faz presente em cada ser humano (cf. Mt 25,35-40). A humanidade de Deus feito homem se tranfigura na humanidade de cada ser humano.

Em Jesus descobrimos que sublime é nascer da vida humana. Jesus anuncia que veio para que todos tenham vida. Afirmamos que “a vida é misteriosa, cresce, frutifica, embeza. Vida é energia, é audácia, é teimosia enfrenta desafios” (ARDUINI, 2013, p.62). Jesus nasce de forma humana e assume a humanidade em sua plenitude, exceto no pecado. Por isso, “o sangue da humanidade é o sangue de Cristo. A humanidade de todas as raças e culturas está organicamente articulada com Cristo. Todos somos irmãos de Cristo e irmãos entre nós” (ARDUINI, 2013, p.62).

Jesus não viveu isolado do mundo. Representa abertura máxima à alteridade. Toda a sua existência foi um estar com outro. Jesus desejou estar com ser humano (cf. Mc 3,13s; 8,31). A humanidade de Jesus “clama em favor dos pobres, escravos, órfãos, famintos e excluídos” (ARDUINI, 2013, p.62). Jesus restitui a estirpe da dignidade humana. Jesus “veio promover a heterogênese teológica. A nova gênese humana” (ARDUINI, 2013, p.63). Jesus sintetiza o mistério de Deus e o mistério humano. “Ao nascer, Jesus patenteia carne e sangue humano. E inseriu seu próprio ser na medula da humanidade” (ARDUINI, 2013, p.64).

Em Jesus, afirmarmos a práxis do reconhecimento na dimensão do amor, do direito e da solidariedade. Jesus teve compaixão com os sofredores, enfermos e famintos. “E o Deus autêntico é a fonte do amor. A prioridade do amor é a morada de Deus” (ARDUINI, 2013,

p.69). A solidariedade de Cristo resgata o sentido original da dignidade pessoal. A humanidade de Jesus revela que não deve faltar lugar para a vida e a dignidade humana.

CONCLUSÃO

Após o percurso realizado, que considerações podemos realizar a respeito da temática *Teologia e Ética do Reconhecimento – a integridade do ser humano no contexto do pós-humanismo?* A teologia cristã fala a partir da fé, da experiência humana e eclesial a respeito de Deus. A teologia não destitui o valor humano, mas ao contrário, revela Deus que veio fazer do humano sua morada. A carne é dignificada e elevada à condição sobrenatural com a ressurreição de Jesus.

A humanidade está em contínuo processo de evolução. A evolução não é contrária ao Criador. O espírito humano condensa conhecimento e transmite conhecimento. A teologia reconhece o ser humano como cooperador de Deus na obra da criação. O ser humano é sagrado, é dotado de corpo e alma. A condição humana cria tecnologias para manter a sobrevivência de sua espécie. Podemos analisar que o próprio Criador dotou o ser humano tecnologia como o corpo e suas múltiplas funções, comandadas pelo cérebro. Todas as tecnologias são prolongamentos da capacidade do espírito humano em contínuo processo de evolução.

A teologia não destitui a humanidade do ser humano. Somos humanos e toda a busca existencial deve garantir a consciência de que somos simplesmente humanos e não máquinas, coisas ou objetos. Mas podemos usufruir dos benefícios da técnica para salvar vida e promover a vida. Jesus assumiu a carne e o sangue humanos. Reconheceu em cada indivíduo sua dignidade e sua importância para o Reino de Deus. A missão de Jesus na humanidade é reconciliar o ser humano e Deus. Apresentar Deus como amor, direito e solidariedade à humanidade. A fé e o sentido são próprios da condição humana.

Avalio que o conceito pós-humanismo possa trazer ambiguidades. Não somos pós-humanos. Somos humanos e utilizamos a uma série de tecnologias como prolongamento da tecnologia do cérebro humano. A marcha da humanidade não deverá reduzir o ser humano à máquina, mas possibilitar o humano a se humanizar. A humanidade é beneficiada com elementos artificiais em seu corpo para sobreviver, como coração artificial, pernas e braços

mecânicos. Não estamos ultrapassados e por isso, não devemos reduzir o ser humano ao *chip* e implantá-lo num corpo artificial.

Neste contexto de pós-humanismo surge a ética do reconhecimento inspirada na práxis de Jesus que não destitui o valor do ser humano e dos avanços tecnológicos. Mas reconhecemos que Jesus assumiu e amou a humanidade até o fim. A ciência deve ajudar o ser humano a humanizar-se e sobreviver com dignidade, reconhecendo sua humanidade que se limita como processo natural do nascimento, desenvolvimento, reprodução e morte. Porém, em Jesus, a vida não termina no túmulo. A sua vida é esperança de que não abandona o ser humano na morte.

REFERÊNCIAS

GESCHÉ, Adolphe. O ser humano. São Paulo: Paulinas, 2003.

GEFFRÉ, Claude. Como fazer teologia hoje – hermêutica teológica. São Paulo: Paulinas, 1989.

HAIGHT, Roger. Jesus símbolo de Deus. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 2005.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento – a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. Sofrimento de indeterminação – uma reatualização da Filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Singular/Esfera Pública, 2007.

REICH, Evânia. Das Recht der freiheit, de Axel Honneth. *Revista de Filosofia*, Bahia, v.7, n.1, jun.2013.

SAAVEDRA, Giovani Agotini; SOBOTTAKA, Emil Albert. Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v.8, n. 1, jan/abr. 2008.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Demasiadamente pós-humano. *Revista Novos Estudos*, n.72, jul. 2005.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano – por quê? *Revista USP*, São Paulo, n.74, jun/ag. 2007.

SEBASTIÃO, Sônia. Sujeito pós-moderno: de andrógino a pós-moderno. *Revista Comunicação & Cultura*, Lisboa, n.09, 2010.

TESTA, Italo. Intersubjetividade, natureza e sentimentos morais - A teoria crítica de A. Honneth e a *regra de ouro*. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v.8, n. 1, jan/abr. 2008.

VOIROL, Oliver. A teoria crítica da Escola de Frankfurt e a teoria do reconhecimento. *Cadernos de Filosofia Alemã*, Suíça, n.18, jul/dez. 2011.